

ANÁLISE SOBRE O ENSINO DE LIBRAS PARA ADULTOS OUVINTES ACIMA DOS 40 ANOS

Philippe Aguiar Pacheco dos Santos¹
Tayana Dias de Menezes (orientadora)²

RESUMO

Essa pesquisa foi idealizada na cadeira de TCC, como artigo para a conclusão do curso de Letras Libras da UFPE. A partir de observações realizadas em aulas da disciplina de Introdução a Libras em uma faculdade particular da região metropolitana do Recife, foi possível constatar dificuldades na aprendizagem de Libras em alunos ouvintes com idade acima de 40 anos, atribuídas a barreiras motoras, cognitivas e/ou atitudinais. Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar o ensino da Libras para esse público específico e propor uma sequência didática mais eficaz. Para tal, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre ensino de primeira e segunda língua, aquisição da linguagem e a psicolinguística do bilinguismo. No decorrer da pesquisa constatou-se que não há estudos suficientes sobre o tema em questão e por isso pesquisas voltadas ao ensino da Língua Espanhola foram utilizadas para auxiliar o embasamento do presente estudo por possuírem status linguísticos semelhantes. A partir do pouco material encontrado, Ortiz-Preuss e Sanz(2016) explica que existem duas abordagens para o ensino de língua; na primeira, a explícita, o ensino seria mais direto, focado na tradução e no vocabulário. E a segunda seria a implícita, com o ensino focado em contextos, dinâmicas e interações com os alunos. Após a análise dos dados, pode-se dizer que há indícios que a abordagem implícita é a mais adequada para o público alvo da presente pesquisa, por se tratar de um ensino mais contextualizado, dinâmico e com o foco na interação professor e aluno. Em posse dos resultados, o presente estudo construiu uma pesquisa intervencionista propondo uma sequência didática que seja eficaz no processo de ensino e aprendizagem para esse público alvo.

Palavras-chave: Aquisição, Libras, Ensino de língua, Segunda língua.

INTRODUÇÃO

Neste artigo iremos abordar o ensino da Libras como segunda língua (L2) para pessoas ouvintes com mais de 40 anos de idade, tomando como base a nossa percepção empírica durante aulas, presenciais e remotas, em um período de dois anos (quatro semestres letivos), na disciplina de Introdução à Libras ministrada em uma faculdade particular da região metropolitana do Recife.

Durante as aulas, foram percebidas dificuldades de aprendizagem por essas pessoas. Tais barreiras podem ser motoras, cognitivas e/ou atitudinais, para o aprendizado dessa língua, que é de natureza visual espacial motora. O primeiro obstáculo observado foi o motor, pois muitos falavam que as mãos não respondiam corretamente ao comando dado pelo cérebro; a segunda barreira foi a cognitiva, quando uma quantidade razoável de pessoas relatou que

¹ Mestrando em Educação tecnológica pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, philipe.aguiar@ufpe.br;

² Professora do Curso de Letras Libras da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, tayana.menezes@ufpe.br;

aprender uma língua não oral era mais difícil, pois os paradigmas delas estavam enraizados na fala oral-auditiva; e a terceira barreira foi a atitudinal, pois alguns desses alunos não queriam sinalizar, por relatarem sentir vergonha de "ficar balançando as mãos" ou ficarem intimidados pela facilidade dos outros colegas em aprender mais rápido.

Com esses relatos e percepções visuais, criou-se uma dúvida se haveria necessidade de adaptações metodológicas para que houvesse um melhor processo de ensino e aprendizagem do nosso público alvo.

Diante deste cenário, resolvemos fazer uma pesquisa intervencionista sobre o tema de ensino de segunda língua para pessoas com idade superior a 40 anos e ao final, discutir se realmente é preciso mudar as estratégias de ensino, qual seria a melhor abordagem de ensino e propor uma sequência pedagógica que supostamente seria mais adequada para o público alvo deste estudo, lastreado na fundamentação teórica, com o intuito de melhorar sempre o processo de ensino e aprendizagem. Facilitando, assim, os dois pólos desse processo, tanto o professor, que iria ensinar de forma mais eficiente e também o aluno, que conseguiria aprender de forma mais fácil e conectada com a sua realidade.

Sabemos que a Libras é uma língua visual, mas tem o mesmo valor linguístico que qualquer língua oral, então aproveitamos os artigos e livros que falavam do espanhol como L2 para fundamentar o nosso trabalho.

METODOLOGIA

O processo metodológico usado foi pesquisar nas plataformas Scielo, portal da capes e google Acadêmico, usando a expressão ensino segunda língua Libras. Na primeira plataforma só foi retornado 1 artigo, na segunda já tivemos um resultado maior, cinquenta e nove (59) entre artigos, teses e dissertações, na última o resultado foi enorme e mais proveitoso.

Nessas pesquisas encontramos muito trabalho falando sobre L2 para surdo, que não combinava para o tema e logo foram descartados. Encontramos alguns que falavam de Libras como L2 na Scielo e portal da capes, que usamos para fundamentar esse artigo, mas foi no google acadêmico que encontramos trabalhos falando sobre a língua espanhola como segunda língua, que encontramos mais aporte teórico que embasasse melhor esse artigo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para que consigamos explicar a necessidade de uma estratégia mais adequada de ensino de Libras como segunda língua para alunos com mais de 40 anos, precisamos ver alguns conceitos chave para um melhor entendimento.

O que é Libras?

Para Audrei Gesser (2009), Língua brasileira de sinais é uma língua natural visuo-espacial (onde se usa as mãos, no espaço, para transmitir a informação e a visão, para receber a informação do transmissor) do Brasil que tem a sua própria estrutura gramatical e por isso, difere da língua portuguesa. Com ela, dá para expressar qualquer tipo de conceito abstrato, por consequência, não se trata de mímicas e nem de sinais totalmente icônicos, sinais que se assemelham com a representação imagética de um determinado conceito, pois conceito abstrato não tem forma e por consequência os sinais são arbitrários. A língua brasileira de sinais, por ser uma língua viva, não é uniforme no território brasileiro, tendo as suas variações linguísticas de acordo com a região do país ou cultura de determinado grupo de pessoas, igual como acontece na língua portuguesa.

Essa língua é falada pela comunidade surda, grupo de pessoas surdas e ouvintes que têm como elo a língua brasileira de sinais. Há algumas décadas atrás, nem sempre foi assim, pois em 1880 houve o congresso de Milão e neste evento, decidiram que os surdos deveriam usar as línguas orais dentro da escola, ou seja, ter todo o seu aprendizado escolar baseado em uma língua que eles não dominavam. E a partir de então, ficou proibido o uso das línguas de sinais pelo mundo e conseqüentemente o nível de aprendizagem desses indivíduos surdos começou a cair. Em 1960, William Stokoe publicou um estudo mostrando o valor linguístico das línguas de sinais. A partir dessa época, voltou a ser permitida a sinalização nas escolas e então os surdos voltaram a aprender mais efetivamente. E somente em 2002, a língua brasileira de sinais foi reconhecida como língua de uso da comunidade surda, com a lei 10.436 (BRASIL, 2002). E somente três anos depois, em 2005, com o decreto 5.626, passou a ser obrigatório o ensino de Libras nas faculdades, nos cursos das licenciaturas diversas e fonoaudiologia, e como optativa nos demais cursos superiores (BRASIL, 2005).

Nesta seção, vimos que a Libras tem o mesmo valor linguístico comparado com as outras línguas orais, conseqüentemente, o processo de aquisição de uma língua, que veremos na próxima seção, é aplicado tanto para uma como para a outra.

Fases da aquisição da linguagem

De acordo com Elaine Grolla (2009), existem sete fases da aquisição da linguagem, ligadas com a idade da criança. Nos primeiros meses de vida, o indivíduo só faz chorar e emitir sons sem significado e diversos estudos indicam que nessa fase, já se consegue diferenciar línguas através dos ritmos. Aos seis meses, é a fase que começam os balbucios de sílabas, como por exemplo o gu gu, dá dá, bu bu, entre outros. Os bebês surdos também têm esse mesmo comportamento, logo, esses balbucios não são respostas de estímulos externos.

Na sequência, é a fase dos 10 meses, aqui o balbucio sem significado muda para um

balbucio de palavras com significado, que a criança escuta dos pais. Aqui se dá o mapeamento do som a um significado, isto é, ela começa a associar os sons a um conceito, por exemplo, a palavra mamãe e papai são os signos que o bebê aprende mais rápido, pois são os mais repetidos, e é nesse momento, também, que a criança surda para de ter os balbucios sem significado da fase anterior. Na quarta fase, que acontece no primeiro ano de vida, a criança aguça a capacidade de aprender a língua nativa dos seus pais. É aqui que o bebê começa a falar palavras dos inputs linguísticos recebidos e começa a nomear as coisas, por exemplo, mamãe, papai, auau, entre outros. Também há uma junção entre gestos e palavras, por exemplo, uso da apontação mais a palavra água significando que quer beber água, e é nessa fase que a criança surda começa a fazer os seus primeiros sinais. Mais ou menos com um ano e meio, a criança começa a usar duas palavras, no primeiro momento, sem contexto e mais para frente, com contexto e o seu vocabulário aumenta de forma exponencial. Na penúltima fase, que começa aos dois anos, elas têm em torno de 400 palavras no seu vocabulário e é aqui que formam sentenças simples e começam a flexionar os verbos, mas ainda não sabem a diferença entre os verbos regulares e irregulares. Nessa última fase, mais de três anos, a criança já tem o vocabulário a cerca de 1200 palavras, já usa sentenças mais complexas e aos 5 anos já adquiriu a maioria das construções linguísticas da língua materna.

Aquisição de segunda língua

De acordo com Krashen (1984 apud SILVA, 2018, p. 65), precisamos diferenciar aquisição de aprendizagem. O primeiro se dá de forma natural, com a necessidade de se comunicar com a sociedade que o indivíduo está inserido, sem se preocupar com a forma. Já o segundo se dá através de um sistema planejado e organizado do sistema linguístico da língua alvo que se deseja aprender.

Krashen (1984 apud SILVA, 2018, p. 65 e 66) ainda afirma que o ensino de segunda língua precisa se preocupar mais com o conteúdo do que com a forma, pois é mais importante, no primeiro momento, o indivíduo conseguir se comunicar do que saber as regras gramaticais.

Ortiz-Preuss (2019) diz que a aquisição da língua é dividida em quatro elementos básicos: Input; o Intake seria o processamento desse input e fixação na memória de trabalho no momento que ocorre o processo (em tempo real); a interlíngua, que é o armazenamento na memória de longo prazo da informações oriundas do intake; por fim, o output, que seria o uso desse conhecimento da L2. Ela continua afirmando que antigamente os estudiosos enxergavam esse processo de forma linear, isto é, começando pelo input e terminando no output, agora, esse processo é visto de forma cíclica, onde esse output pode se tornar um

novo input e assim o sistema vai se retroalimentando até chegar em um ponto que não exista um novo input.

Nesta seção, vimos o processo de aquisição da segunda língua de um indivíduo, mas para isso acontecer, em via de regra, este indivíduo passa por um processo de ensino e aprendizagem, que iremos discutir nas próximas duas seções.

Metodologia de ensino de segunda língua

Por se tratar de uma ciência humana, não existe uma metodologia única e infalível para o ensino de segunda língua. Tudo vai depender das pessoas envolvidas, das experiências de vida, das dificuldades que possuem, da idade e de outros fatores. Segundo Gesser (2010), por conta dessas variáveis há diversas abordagens de ensino e conseqüentemente várias metodologias de ensino de segunda língua. A autora adota o esquema hierárquico proposto em 1963, por Edward Anthony e refinado por Brown (1994: 51):

Ela usa esse esquema hierárquico para explicar como se dá a metodologia. Começa-se escolhendo a abordagem, que seria a "filosofia de ensinar" (GESSER, 2010), que será melhor explicada no próximo parágrafo. Em seguida, a aplicação de um método específico, que seria "um plano geral de apresentação sistemática da língua baseado em uma abordagem" (GESSER, 2010). E por fim, o uso da técnica, que seria as atividades executadas em sala de aula. Ou seja, o professor escolhe a abordagem que vai usar em sala, faz uma apresentação sistemática da língua alvo e finalmente aplica uma atividade para fixação do aprendizado.

Para ela, existem duas abordagens de ensino de língua, a explícita, que é uma mais estrutural (foco na forma) e a implícita, que é mais comunicativa (foco no uso), e fica a critério do professor escolher qual dessas abordagens vai ser usada durante as aulas. Para sabermos a diferença entre essas duas abordagens no processo de ensino-aprendizagem, precisamos olhar para três pilares: o conceito de língua e linguagem, o conceito de ensinar e o conceito de aprender.

Para sabermos se o professor usa abordagem explícita ou abordagem implícita, precisaremos fazer algumas diferenciações nesses três pilares. No primeiro pilar, a diferença está focada na análise da estrutura formal (gramática) ou está focada na construção discursiva (levando em consideração aspectos psicológicos, sociais e culturais).

No segundo pilar, a diferença está no uso de materiais com objetivo de aprender a gramática da língua alvo ou no desenvolvimento da competência comunicativa, usando de experiências empíricas para dar significado à língua alvo, interagindo com uma terceira pessoa.

No último pilar, a dicotomia seria se preocupar com a internalização de conceitos linguísticos sem pensar em ter interação com outro falante daquela língua ou se preocupar com o saber interpretar e produzir discurso através da interação com os falantes da língua alvo. Ou seja, se o professor estiver preocupado em ensinar a estrutura gramatical sem se preocupar em aplicar esses conhecimentos em casos práticos, significa que ele usa a abordagem explícita. Se a preocupação for com o discurso focando na competência comunicativa e aplicando esses conhecimentos em diálogos práticos, fica caracterizado o uso da abordagem implícita.

Psicolinguística do bilinguismo

Antes de discorrer sobre a psicolinguística do bilinguismo, precisamos explicar o que é psicolinguística. De acordo com Maísa Augusta Borin (2010), "é o estudo das conexões entre a linguagem e a mente", ou seja, analisa qualquer processo que esteja ligado à comunicação humana em qualquer modalidade (oral, escrita, gestual etc). E dentro desse escopo está o estudo dos fatores que afetam a decodificação de um língua, como por exemplo, a aquisição da segunda língua.

Aplicando ao bilinguismo, a psicolinguística, de acordo com Finger e Ortiz-Preuss (2018), "investiga a aquisição, compreensão e produção de duas ou mais línguas", ou seja, estuda as organizações mentais quando duas ou mais línguas estão envolvidas, quais mecanismos e procedimentos são utilizados para uma melhor aquisição e uso das línguas alvo. A partir desse paradigma, conseguimos analisar quais os fatores individuais que podem interferir nas intervenções pedagógicas que o professor aplicará em seus alunos.

Ortiz-Preuss (2019) explica que para que haja aquisição de segunda língua, é necessário envolver vários sistemas cognitivos, tais como: memória de trabalho, controle executivo e o sistema atencional, sendo a memória de trabalho que mantém relação com os outros sistemas cognitivos e a aprendizagem. E de acordo com Bowden, Sanz e Stafford (2005 apud Ortiz-Preuss, 2016, p. 125-126) as características individuais também afetam a aquisição de segunda língua.

Há indícios que os idosos têm mais facilidade de aprender com instruções implícitas do que os jovens, que têm mais facilidade com as instruções explícitas, de acordo com pesquisas feitas por Cox e Sanz (2015 apud Ortiz-Preuss, 2016, p. 129). Os autores defendem que para um jovem (19 a 24 anos), os resultados em relação à aprendizagem usando instruções explícitas são significativamente mais eficazes que para um grupo de idosos (acima de 60 anos).

A memória de trabalho é um sistema cognitivo de suma importância para a aquisição de segunda língua, pois ela é um sistema de retenção temporária e de processamento das informações. É através dela que acessamos as propriedades sintáticas da língua alvo e também é ela que faz a conexão com as informações mantidas na memória de longo prazo. Para isso, ela precisa acionar três subcomponentes específicos: o esboço visuo-espacial, que trata das informações visuais e espaciais; a alça fonológica, que trata sobre as informações fonológicas; e o buffer episódico, que é a ligação da informação visual com a fonológica. Esses três subcomponentes formam o executivo central, que é responsável pelos processos de ativação, retenção e processamento de informações da memória de trabalho (BADDELEY, 2011).

Podemos dizer então, que a memória de trabalho pode ser comparada a pontes que ligam várias ilhas distintas, interligando várias informações de lugares diferentes a um único ponto, concentrando as informações para que o cérebro possa processar os dados e ter as informações de uma forma que haja a aprendizagem.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Depois de discutir as bases teóricas que alicerçam o trabalho, vamos propor uma sequência didática eficaz para o nosso público alvo, já que eles conseguem aprender melhor se associarmos o ensino da gramática dentro de enunciados que são usados no dia-a-dia, ou seja, com o foco na interação. Escolhemos um tema aleatório dentro da ementa do curso de introdução a Libras com o objetivo de mostrar como usar a abordagem implícita. O tema escolhido foi o de fonologia da Libras, para essa sequência, precisaremos de duas horas/aula, podendo ser as duas aulas no mesmo dia ou em dias separados.

O professor deverá trazer, para a aula, vídeos com enunciados do cotidiano (em Libras), com o intuito de motivar os alunos a acionarem conhecimentos armazenados e construir outros novos com a facilidade de poder usar esses conhecimentos no seu dia-a-dia, assim favorecendo os alunos com uma idade mais madura. Essa abordagem implícita teve caráter proativo, pois foi o professor que forneceu as frases do vídeo com um caso que os alunos poderiam passar no futuro e fez com que eles aprendessem a teoria dentro do caso concreto.

DISCIPLINA: Introdução a Libras

TEMA: Fonologia da Libras

CONTEÚDOS TRABALHADOS

O que é fonologia; O que são os 5 parâmetros da Libras; Configuração de mão; Movimento; Locação; Orientação de mão; Expressões não manuais; Pares mínimo.

HABILIDADES

Reconhecer os cinco parâmetros da Libras em um sinal; Diferenciar a alteração do parâmetro nos pares mínimos.

Tempo da sequência didática

Duas horas aula

Materiais necessários para a sequência didática

Quadro branco; Piloto; Datashow.

Aula 1

Organização da turma

A princípio, os alunos poderão se sentar aleatoriamente dentro da sala de aula, contanto que consigam enxergar o professor e vice-versa.

Introdução

A aula começa com a apresentação de dois vídeos do professor, previamente gravados e com o conteúdo já conhecido dos alunos. O primeiro contendo uma frase em Libras com alguns sinais com um ou dois parâmetros trocados. No final deste vídeo, o professor pergunta se entenderam o conteúdo e espera a reação dos alunos sobre os sinais que não estão de acordo com a forma culta da gramática da Libras. Logo após este momento, o professor passará o segundo vídeo contendo a mesma frase, mas desta vez com os sinais com os parâmetros de acordo com a norma padrão. Para finalizar, começa-se um debate guiado pelo docente sobre os sinais supostamente errados.

Desenvolvimento

Durante o debate, o professor introduz os conceitos de: parâmetros, configuração de mão, movimento, locação, orientação de mão, expressões não manuais e pares mínimos. Remetendo sempre aos sinais do primeiro e do segundo vídeo e fazendo com que os alunos consigam separar cada parâmetro.

Conclusão

Essa primeira aula será concluída após este debate com a turma.

Avaliação

A avaliação se dará durante o debate, o professor perceberá se os alunos estão com dúvidas ou estão compreendendo bem a fonologia da Libras.

AULA 2

Organização da turma

Para a segunda aula, os alunos deverão se sentar em grupo de cinco pessoas dentro da sala de aula.

Introdução

O professor fará uma dinâmica com a turma. Primeiramente, ele dará três ou quatro sinais para cada grupo e cada pessoa ficará responsável por um parâmetro do sinal. Então, um grupo por vez vai para a frente da sala e cada membro vai mostrar o parâmetro pelo qual ficou responsável e o restante da turma precisa acertar qual sinal aquele grupo está enunciando. E logo depois que a turma acertar o sinal, o grupo ficará responsável de criar três frases usando aquele sinal.

Desenvolvimento

Nessa dinâmica, os discentes terão que ter a abstração de ver cada parâmetro individualmente, formar a imagem mental desse sinal e depois sinalizá-lo. E por fim formular uma frase do uso cotidiano do discente, fazendo com que ele use o conhecimento adquirido de forma implícita.

Conclusão

Depois da dinâmica, a aula será finalizada com uma atividade para ser feita em casa: fazer um vídeo contendo dois pares mínimos e exemplificando esses sinais em uma frase.

Avaliação

A avaliação dessa aula se dará durante a dinâmica. Nela, o professor poderá perceber se os alunos estão conseguindo separar os parâmetros depois que o sinal é dado e/ou conseguindo juntar os parâmetros para o sinal ser formado e fazer conexões mentais desse sinal com frases do cotidiano do discente.

FINALIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA

Nessa sequência, o docente poderá avaliar em três momentos, durante o debate na primeira aula, durante o jogo na segunda aula e ainda quando os alunos entregarem a atividade proposta para casa. Dessa forma, conseguirá avaliar cada um individualmente e dirimir qualquer dúvida que apareça durante a aula.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No tópico anterior, mostramos uma sequência que usa a abordagem implícita com o tema de fonologia da Libras, que usou duas horas/aula. As aulas continham o conceito de fonologia, os cinco parâmetros: configuração de mão, movimento, locação, orientação de mão, expressões não manuais e pares mínimos. O objetivo da aula era, no fim, os alunos terem habilidades de reconhecer os cinco parâmetros da Libras em um sinal e diferenciar a alteração do parâmetro nos pares mínimos e aplicar esse conhecimento no uso da fala.

Na primeira aula, os alunos estarão livres para sentar onde desejarem, pois a aula será expositiva. A aula começa com a apresentação de dois vídeos do professor, previamente gravados e com o conteúdo já conhecido dos alunos. No primeiro, seria uma frase em Libras

contendo alguns sinais com um ou dois parâmetros trocados. No final deste vídeo, o professor deve perguntar se entenderam o vídeo e esperar a reação dos alunos sobre os sinais que não estão de acordo com a forma culta da gramática da língua brasileira de sinais. Logo após este momento, o professor passará o segundo vídeo contendo a mesma frase, mas desta vez contendo os sinais com os parâmetros de acordo com a norma culta. O objetivo dessa dinâmica é incentivar o olhar crítico do aluno sobre a forma padrão da gramática da língua de sinais. E logo depois da apresentação dos vídeos, começa-se um debate guiado pelo docente sobre os sinais usados nos dois vídeos.

Dentro desse debate, o docente começa a explicar os conceitos fonológicos da Libras supracitado, no primeiro parágrafo desta seção. Sempre usando como exemplo os sinais usados nos vídeos, aproveitando o momento para corrigir a sinalização do primeiro vídeo. A primeira aula terminará com esse debate/explanação dos cinco parâmetros e será dentro dele que o professor avaliará se os alunos conseguiram aprender o que fora dado naquela aula.

Como a proposta é trabalhar segundo a abordagem implícita, o intuito do professor foi usar os vídeos citados anteriormente, para que os alunos usem a memória de trabalho para acessar as informações na memória de longo prazo e trazer essas informações para o buffer episódico e assim conseguir fazer a ligação com o que foi visto com as informações fonológicas que fora ensinado nesta aula.

Na segunda aula, o professor pedirá para os alunos se agrupem em grupos de cinco pessoas e dará para cada grupo três ou quatro sinais. Cada integrante ficará responsável por um parâmetro, então, um grupo por vez vai para a frente da sala e os membros irão mostrar o parâmetro pelo qual ficou responsável e o restante da turma tentará acertar qual sinal aquele grupo está enunciando. O professor passará atividade de casa, pedindo que os discentes façam um vídeo mostrando dois sinais que sejam pares mínimos e depois formular frases com esses sinais, assunto já abordado na primeira aula. Esta segunda aula terminará logo depois que o professor passar a atividade.

A forma de avaliação será com a atividade proposta, já que nela os alunos precisarão ter o conhecimento dos parâmetros para concluir a atividade com êxito e é nesse momento que acontece o output.

O intake é uma etapa individual que cada discente irá ter logo depois do input, que seria o processamento das informações e fixação na memória de trabalho, acontecendo simultaneamente. É nesse momento que acontece o maior labor cerebral, pois a memória de trabalho terá que conversar com vários sistemas cognitivos para buscar informações

fonológicas, para associar com as informações visuais que acabou de receber e fazer associações de conhecimentos prévios com o conhecimento novo.

A interlíngua é um processo também individual, mas que pode acontecer no momento em que o professor faz o debate e/ou na hora da dinâmica.

Já o output acontece no momento em que os alunos fazem a atividade proposta, pois se trata do uso do que foi aprendido, quando o indivíduo traz as informações da memória de longo prazo e as lexicaliza.

Na nossa sequência pedagógica, a atividade proposta pelo professor seria encontrar pelo menos dois pares mínimos de cada parâmetro da Libras. Essa atividade induz os alunos a pensar nos sinais aprendidos anteriormente, a fim de encontrar outros sinais que sejam pares mínimos e com isso, acabar ressignificando cada sinal lembrado, entrando novamente no ciclo da aquisição. Essa ressignificação seria um novo input para esse indivíduo e esse ciclo vai ser interrompido quando acabarem os novos inputs gerados pela ressignificação dos sinais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, vimos que a Libras é uma língua visuo-espacial com uma gramática própria, mas que passa pelos mesmos processos de aquisição de primeira língua igual a qualquer língua oral. Vimos também como ocorre o processo de aquisição de segunda língua, através dos quatro elementos básicos (input, intake, interlíngua e output). Acreditava-se que esse processo começava no input e terminava no output, de forma linear, mas hoje acredita-se que é um processo cíclico, enquanto o output gerar um input, ou seja, é um ciclo contínuo.

Vimos também que a Abordagem explícita se dá quando o professor ensina a gramática com o foco na forma, ou seja, preocupando-se apenas com a estrutura da língua. Já a abordagem implícita está preocupada na comunicação, logo, ensina a gramática dentro de um contexto comunicacional. De acordo com a pesquisa de Cox e Sanz (2015 apud Ortiz-Preuss, 2016, p. 129), verificamos que temos indícios para acreditar que os jovens se beneficiam da aprendizagem com a abordagem explícita. E de acordo com os estudiosos, os idosos se beneficiam com a abordagem implícita.

E, por fim, vimos a psicolinguística do bilinguismo, mostrando o processo mental para que haja a aquisição da segunda língua, tendo a memória de trabalho o papel principal, neste processo de interligar todos os sistemas cognitivos, desde reter e processar o que está sendo dado em aula até buscar as informações na memória de longo prazo.

Esse trabalho não esgota o tema, pois faltam mais pesquisas sobre o assunto, por exemplo, as pesquisas encontradas sobre a facilidade da abordagem explícita para jovens e a facilidade da abordagem implícita para idosos só mostram indícios desse entendimento. O

meu papel foi contribuir para o campo do ensino e aprendizagem de segunda língua a adultos com mais de 40 anos de idade.

REFERÊNCIAS

- BADDELEY, A. Memória de trabalho. In: BADDELEY, A.; ANDERSON, M. C.; EYSENCK, M. W. Memória. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 54-81.
- BORIN, Maísa Augusta. Psicolinguística. UFSM: Santa Maria, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/16439/Curso_Let-Portug-Lit_Psicolingu%C3%ADstica.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 15 de outubro de 2021.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 04 de Novembro de 2021.
- BRASIL. Lei no 10.436, de 24 de Abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 04 de Novembro de 2021.
- FINGER, I.; ORTIZ-PREUSS, E. A Psicolinguística do bilinguismo: estudando o processamento linguístico e cognitivo bilíngue. In: ORTIZ-PREUSS, E. FINGER, I. (org.). A dinâmica do processamento bilíngue. Campinas/SP: Pontes Editores, 2018, p. 31-57.
- GESSER, Audrei. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da realidade surda e da língua de sinais. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GESSER, Audrei. Metodologia de Ensino em LIBRAS como L2. UFSC: Florianópolis, 2010. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL2/assets/629/TEXTOBASE_MEN_L2.pdf. Acesso em 07 de agosto de 2021.
- GROLLA, Elaine. Aquisição da Linguagem. Florianópolis, 2010. Disponível em: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/aquisicaoDeLinguagem/assets/541/Texto-base_Aqus._Ling.pdf. Acesso em 15 de junho de 2021.
- NEVES, Sylvia Lia Grespan. Um estudo dos recursos didáticos nas aulas de língua brasileira de sinais para ouvintes. 2011. Disponível em: http://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/docs/05092011_163400_silvialiagrespanneves.pdf. Acesso em 15 de junho de 2021.
- ORTIZ-PREUSS, Elena. Psicolinguística do bilinguismo: implicações em processos formais de aquisição de línguas. Revista Ilha do Desterro. Florianópolis, v. 72, nº 3, 2019, p. 291-309.
- ORTIZ-PREUSS, E; SANZ, C. Aquisição de L2: Interação entre variáveis externas e internas. In: ORTIZ-PREUSS, E.; COUTO, E. K. N. N. do; RAMOS, R. M. do. (orgs.). Múltiplos olhares e Linguística e Linguística Aplicada. Campinas: Pontes, 2016, p.121-134.
- SILVA, Camila Michelyne Muniz. A interlíngua português-libras na produção textual escrita de pessoas surdas adultas usuárias de libras aprendizes do português escrito como segunda língua. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco. p.p. 65-67. 2018.
- SILVA, Lídia da. Aquisição de segunda língua: o estado da arte da Libras. Revista Alfa. São Paulo, v.64, e11861, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/MSXqM6rswbSLPY38xdRCFrm/?lang=pt#>. Acesso em 15 de junho de 2021.
- YATIM, Nahla. DE ABREU PEREIRA, Janaí. A aprendizagem de libras como L2 no ensino superior. Revista virtual de cultura surda, v18, julho de 2016. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/Artigo%202%20YATIM%20%26%20PEREIRA.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2021.